

OFAYÉ-XAVANTE

O polêmico convênio da CESP

Os Ofayé-Xavante vão "ganhar" um pedaço de terra que já era seu para que as comportas da Usina Hidrelétrica Porto Primavera possam ser abertas

CESP reagrupa índios Ofayé". Com esta manchete, o principal jornal do Mato Grosso do Sul noticiou, no dia 19 de abril passado, um acontecimento digno de comemoração para a Funai no chamado Dia do Índio. No dia anterior, Atafde Francisco Rodrigues Xehitá-ha, líder Ofayé-Xavante, sentava-se à mesa com representantes da CESP, da Funai e da Secretaria Estadual do Meio Ambiente para formalizar um convênio que, segundo se noticiou, garantiria a seu povo as condições mínimas para se reagrupar numa área próxima e contígua à Área Indígena Ofayé-Xavante, já demarcada pela Funai, no município de Brasilândia. Os Ofayé voltariam, assim, para o seu antigo e tradicional território, de onde foram retirados em 1978.

Surpresa, o convênio é outro

O convênio, cujo extrato foi publicado no Diário Oficial da União em 19 de maio, deveria, na verdade, ser o coroamento de vários esforços realizados pelo Cimi, a CESP, a Funai e a assessoria da Themag, que há meses vinham se reunindo com o objetivo de encontrar uma solução satisfatória para os índios. Não obstante, surpreendentemente, o convênio não foi o mesmo anteriormente discutido. Várias sugestões foram retiradas da minuta do estudo, resultando num acordo capenga e superficial. A proposta dos "termos aditivos", contendo as sugestões para a execução de cada projeto, foi simplesmente posta de lado. Mais lamentável ainda é que a redação final do convênio ficou a cargo da Funai, que mais uma vez mostrou estar distante da realidade vivida pelas comunidades indígenas. Sem consultar a Superintendência Regional de Campo Grande, e desconhecendo a realidade local, a Funai acabou por engolir a cópia de um modelo pronto de convênio e vomitar um arremedo de intenção que só a desqualifica ainda mais.

Sobre a proposta de aquisição, pela CESP, de um área de terra para ser doada aos índios, e que tem sido apontada como o feito de maior importância neste empreendimento, reservamos uma palavra para o grave problema que o reservatório da Hidrelétrica Porto Primavera irá impor aos índios. Objetivamente, a CESP vai retirar os Ofayé das margens do rio Paraná para os recolocar numa área próxima ao território de sua antiga aldeia. Uma área de mata nativa que era um antigo espaço de coleta da comunidade ofayé. Área de suprimento e não de moradia. Af os Ofayé coletavam seus frutos silvestres e eventualmente caçavam. Jamais plantavam nesta região. A área de plantio era nas margens do córrego Sete (córrego do Bugre) e córrego Seis (córrego São Paulo). Se outrora os Ofayé, livres,

dispunham de mobilidade para empreender suas caçadas, hoje, devido à extinção da caça, só lhes resta a pesca para sobreviver. Longe da água farta do "rio Grande" Paraná (Kraguâtá) e do "rio Cachoeira" Verde (Xyordú), entretanto, de nada lhes servirão suas belas e, agora, inúteis flechas, pois não mais "caçarão" o peixe na terra que lhes foi "doada". E, pasmem!, tampouco existe água na área escolhida.

Sabem muito bem os índios - e o confirmam os técnicos da CESP que estiveram no local - que a terra ali é muito ruim (fraca). Os índios não terão sucesso no seu plantio tradicional. Encontrarão muita dificuldade, criando-se uma dependência muito grande dos insumos fornecidos pela CESP, apoio este que depois do quinto ano, pelo convênio, deve terminar, cabendo à Funai manter a assistência.

Cabe, portanto, interrogar a CESP sobre as conseqüências do seu gesto e o que ele irá representar para o futuro desta comunidade, hoje reduzida a 15 famílias. Remover os Ofayé, habitantes tradicionais das margens dos rios, e reduzi-los jesuiticamente numa porção física de terra desprovida da fonte primordial de suas vidas, a água do córrego Sete, não será um erro?

Para a política indigenista oficial do Governo e da realidade fundiária do

Estado de Mato Grosso do Sul, deve-se reconhecer, a aquisição de uma área de terra para os Ofayé, não deixa de ser uma resposta à incompetência e ao poder da oligarquia dominante local. Porém, transformar esta iniciativa na tábua de salvação para o problema da terra dos Ofayé é um grande equívoco. A atual "gleba complementar de mata nativa" adquirida pela CESP, para onde os índios deverão ser transferidos tão logo poços e casas tenham sido construídos, representa unicamente uma forma de resolver o nosso problema da terra que desejamos desintrusar. Enquanto os Ofayé permanecerem nas margens do rio Paraná, obstaculizam in vivo um empreendimento de 8 bilhões de dólares! Em segundo lugar, a gleba adquirida e que será doada à Funai para o patrimônio dos índios, representa tão-somente o ressarcimento aos Ofayé de uma ínfima parcela do imenso território, antes de domínio do grupo, e que será inundado pelas águas de uma barragem que cobrirá 188 mil hectares do solo sul-matogrossense.

CESP tem pressa de abrir as comportas

Devido à necessidade de abrir logo as comportas da UHE Porto Primavera,

ra, a CESP tem acelerado os trabalhos na área de 484 hectares destinada aos índios.

Para além de todos os discursos, a história do povo Ofayé é a história de sua resistência, da luta pela terra, do agã-chanaguf, o lugar onde nascemos. Tudo para lá deve convergir. É neste local que se encontra a fonte histórica de suas vidas: o córrego Sete e seus cemitérios. Af, inevitavelmente, deverão construir suas casas, buscando reconstruir suas vidas. Não estará, pois, a CESP, equivocada ao apressar-se em construir sua aldeia de concreto, definitiva e artificial para os Ofayé na gleba complementar, despercebida das reais evidências indígenas que apontam para a área imemorial, denunciando, assim, estar mais preocupada em desocupar a área de inundação, onde os índios se encontram, do que com a sobrevivência cultural deste povo?

De qualquer modo, urge, acima de tudo, apoiar o desafio da comunidade ofayé na reconstrução de sua vidas, sobretudo neste momento histórico, onde seus corações pulsam inquietos vendo seus destinos nas mãos da "planilha de custos" e os olhares curiosos de apressados técnicos e seus projetos de cimento.

Carlos Alberto dos Santos Dutra



Foto: Bill Gamm

Grupo Ofayé-Xavante em Brasilândia, Mato Grosso do Sul, em junho de 1992